

JOMA SIPE



O SOPRO DA ALMA

Exposição Individual de Pintura

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE GAIA

12 de Março a 11 de Abril de 2010

Oração de São Francisco



Joma Sipe nasceu na cidade do Porto em 2 de Agosto de 1974.

Interessa-se por pintura e artes em geral desde muito cedo.

A sua arte inspira-se no Movimento Simbolista de finais do Séc. XIX, que teve como principais expoentes Gustave Moreau, Fernand Khnopff, Arnold Böcklin, entre outros, as suas influências artísticas incluem também Johfra e Diana Vandenberg.

Interessa-se pelo esoterismo puro e toda a arte relacionada com este movimento, sendo toda a sua arte influenciada também pelos aspectos místicos constantes em lendas, mitos e espiritualidade.

No intrincado e elaborado processo de cada obra há o objectivo de transmitir uma mensagem, embora muitas vezes não seja perceptível no imediato qual a mensagem subjacente.

Em cada obra há a dispersão e concentração da Luz que emana de cada traço na pintura.

É o Ser e a nossa mais profunda Essência, o âmago profundo da Energia da Vida que habita em tudo o que existe.

A Energia procura ultrapassar a barreira da dimensão física para se fundir com a Energia Universal, que se condensa, materializa e toma forma em cada tela.

Algumas das Exposições Individuais realizadas por Joma Sipe:

2003 (Julho-Agosto) – Biblioteca Pública Municipal de Paços de Ferreira

2003 (Setembro) – Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia

2003 (Dezembro) – Restaurante Nakité (Porto)

2004 (Junho) – Museu Municipal de Paços de Ferreira

2004 (Setembro) – Casa da Cultura da Madalena

2004 (Dezembro) – Casa Municipal da Juventude de Vila Nova de Gaia

2006 (Outubro) – Centro Empresarial de Matosinhos

2007 (Fevereiro) – Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia

2007 (Março-Abril) – Livraria Almedina (Arrábida Shopping)

2007 (Junho) – Casa Municipal da Juventude (Vila Nova de Gaia)

2008 (Fevereiro/Março) – Clube Literário do Porto (Porto)

2008 (Julho/Agosto) – Restaurante “Cor de Tangerina” (Guimarães)

2008 (Outubro) – Biblioteca Municipal de Paços de Ferreira

2009 (Janeiro) – Casa-Museu Teixeira Lopes (Vila Nova de Gaia)

2009 (Novembro/Dezembro) – Casa de Chá Morocco (Guimarães)

Página na web e e-mail:

www.jomasipe.no.sapo.pt

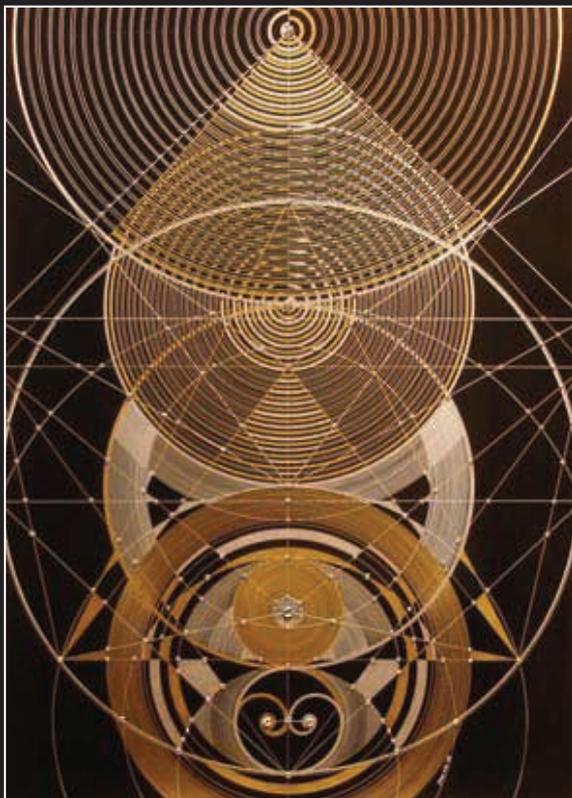
joaomsp@gmail.com



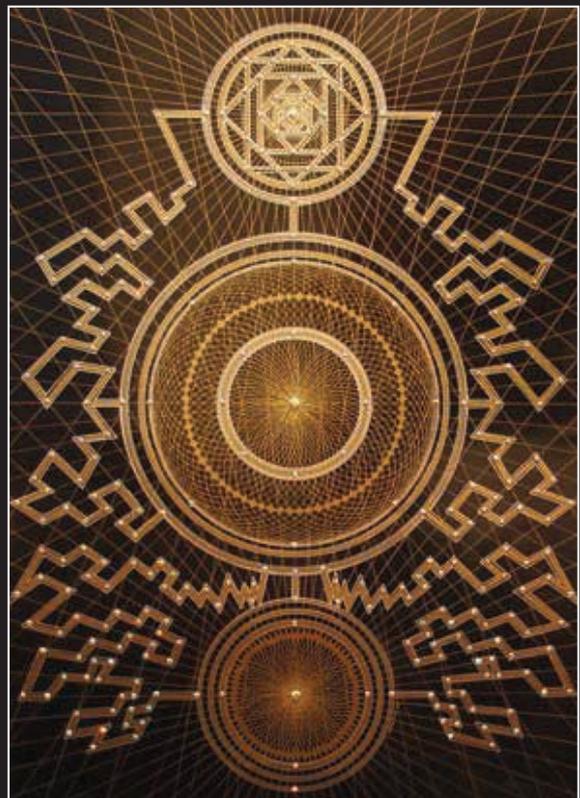
De morte transire ad vita



As coisas do tempo



Veni creator spiritus (vem espírito criador)



Chamo-me esquecimento

Requiem do Silêncio

Passa por mim o cortejo fúnebre, olho absorto, lânguido, magro na incerteza do ósculo que te darei.

Há braços e mãos brancas, frias, ocultas pela mortalha.

Descalço meus pés e beijo tua face obscurecida pelo véu que depositaram em teus olhos.

Mergulho em recordações, vidas passadas em instantes, segundos crepusculares, rodados no ponteiro do relógio que não pára.

A vida continua, dizem-me as beatas que te acompanham agora.

Reduzi-me a cinzas na pira funerária e o séquito desfez-se em loucuras no mármore gelado.

Acordei obsoleto e contei-te um segredo oculto.

Murmurei nos teus ouvidos palavras mansas, fechadas no baú do tempo, nas arcadas das ampulhetas tontas que contam, intermináveis, paradas e soturnas.

Hoje não adulo folhas murchas, nem árvores caídas, devido aos vendavais lá fora, nem piso terras queimadas no verão, nem rosas manchadas pelo sangue devolvido nas veias tenras e nas gotículas das teias, crispadas de orvalho matinal.

Falta-me a presença etérea do teu corpo mole e vadio, fugidio na noite má, recusada nos silêncios das areias nas marés da lua cheia.

Saceio-me no ópio que se desfaz na vidraça da janela embaciada devido ao nosso hálito morno e no respirar inebriado em sons de silêncio nocturno.

Canção Moribunda

Canto uma canção moribunda,
sonho contigo.

Nas vidraças das janelas cai água dos céus,
e vislumbro o firmamento.

Acalento-me no som da água,
refugio-me dentro das flores.

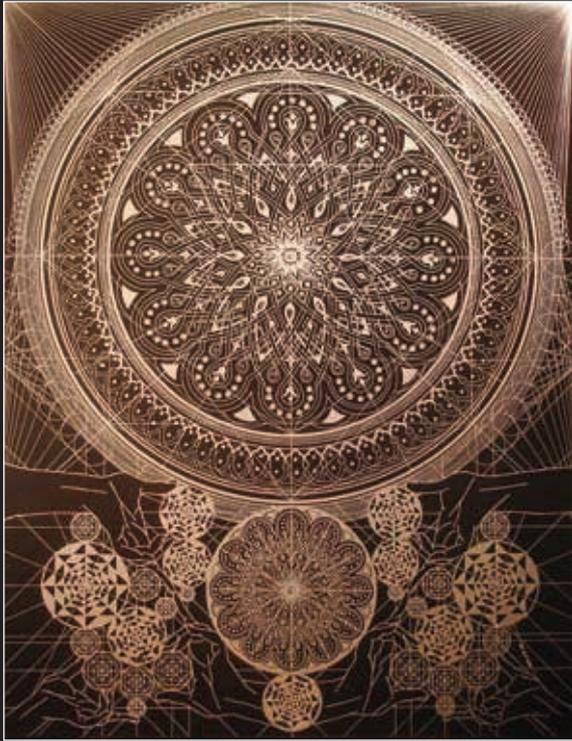
Oculto-me por dentro de mim.

Venho, por vezes, dar luz ao luar,
nasço, vivo e morro de vez em quando,
quando o universo se lembra de mim.

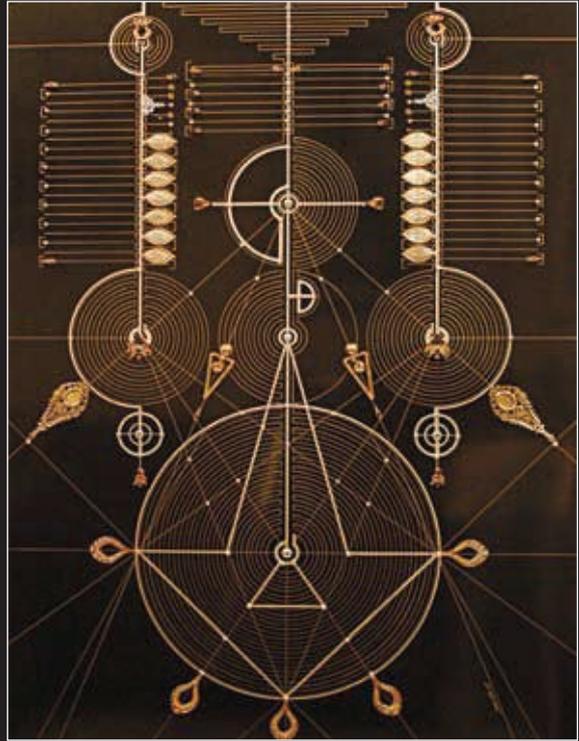
Tenho sonhos de nascentes,
de águas límpidas e claras,
de rios fartos e nascentes de ouro,
entrelaçadas no meu olhar.

Sou luz leve no crepúsculo,
lua nova nas noites da imensidão.

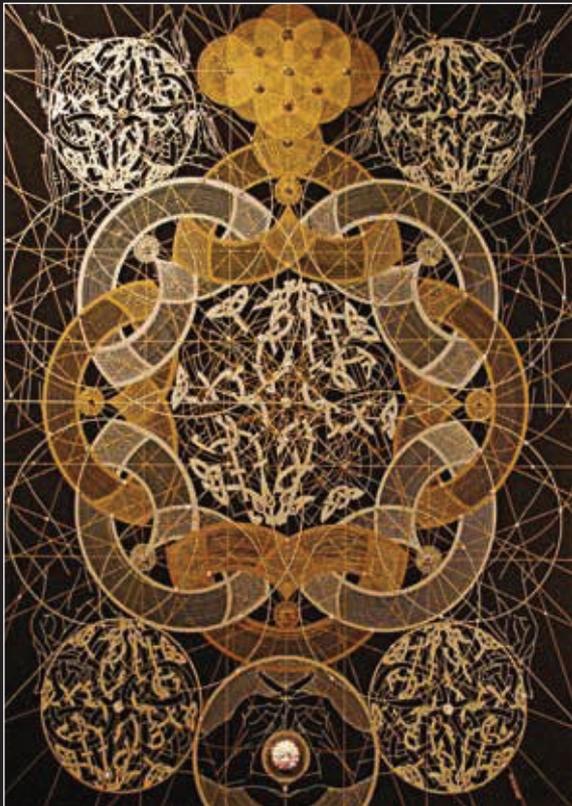
Cubro-me de folhagem
e vivo da humidade agreste dos teus lábios...



Lux perpetua



Momentos



Eclipse de fogo



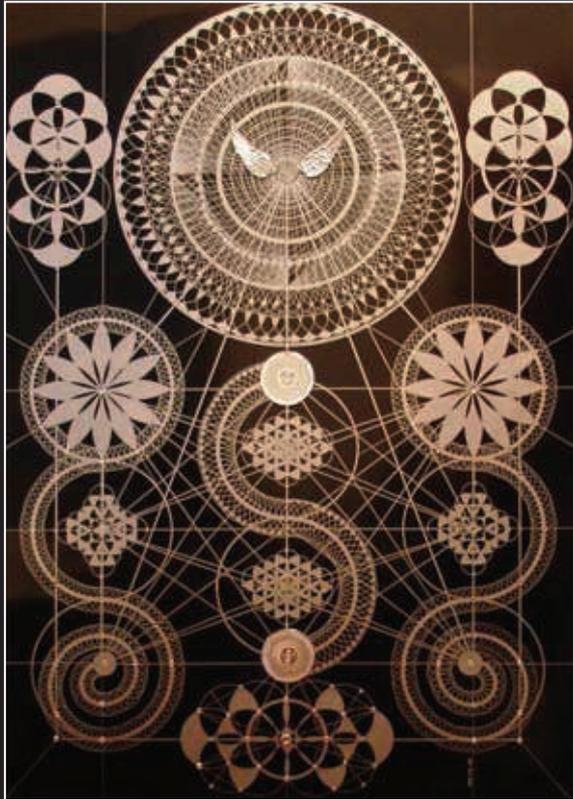
ecos do silêncio

Sopro de Vida

Fico acordado a noite inteira,
falta-me o sono,
fazem-me falta as palavras para dormir,
os sonhos, esgueiro-me por eles.
Deito-me no relaxamento abrupto da chuva incessante.
Deleito-me na fantasia obscura da máscara breve.
Sou lince, leão selvagem,
nas breves planícies das minhas emoções.
Cavalgo as marés insanas,
suplico por descontentamento.
Vem,
fere-me a Alma,
jaz comigo no alado sentir do frio inerte.
Vem,
ilumina a minha morada,
encandeia meus breves passos,
acalma em mim,
a cura incerta que lentamente me apaga o sopro da vida.
Afaga o suave toque do meu coração.

O abafado Crepúsculo em mim

As madrugadas não chegam,
sinto que as noites não me deixam descanso,
busco sempre o melodioso grito pelo abafado crepúsculo em mim,
luto pelo cantar dos pássaros nas manhãs,
canso-me das cigarras nas noites de Verão.
Procuro pelo descanso que não chega
e pela Paz Interna que não me abraça.
Sinto-me perdido,
vagueio pelos templos em ruína,
que confundo com as salas abandonadas do prazer fácil.
Desligo o meu mundo do mundo insano, imerso em deleites,
calo a minha voz,
só ouço o grito mudo das ondas nos rochedos,
liberto-me, suplico, canso-me, oculto-me, dou-me,
sou fumo dos incensos que me enjoam,
nos santuários esquecidos, afundados na mestiça dor,
rezo-me a mim mesmo nas águas cálidas,
limpo-me, purifico-me, amaldiçoo o espaço vazio.
Sou imortal.



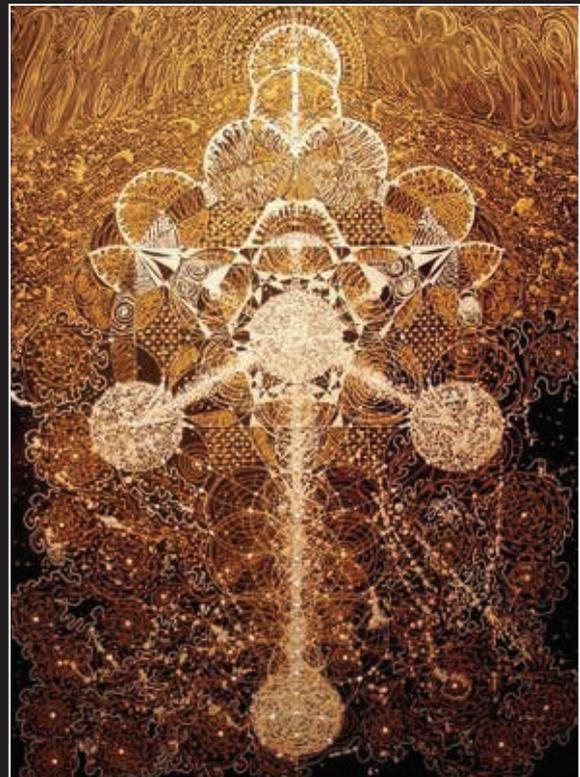
Nos braços de um anjo



Anima corpus (o corpo da alma)



Paradisum Angelis (anjos do paraíso)



O império dos sentidos

